

## Desejo como guerrilha

Julia Guimarães

Nos últimos anos, o imaginário distópico acerca de um futuro próximo ou distante tem inspirado uma série de criações artísticas, seja no teatro, no cinema ou na literatura. Em muitos casos, as situações propostas são construídas como alegorias que tanto dizem respeito ao presente quanto ao porvir. E é curioso observar como alguns desses imaginários se tornam cada vez menos metafóricos e mais literais com o passar do tempo, em uma aproximação ao mesmo tempo irônica e trágica com a própria realidade.

É também o par utopia-distopia que parece estar na raiz da proposição cênica de *Eclipse Solar*, espetáculo que se apresentou ontem (terça-feira, 29 de outubro), no Teatro Francisco Nunes, na programação do 19º Festival Estudantil de Teatro. Com direção de Ricardo Alves Jr., que possui uma reconhecida trajetória no cinema, a montagem é fruto da formatura das alunas e alunos do Cerfart (Centro de Formação Artística e Tecnológica) da Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes, que agora fundaram o grupo Quartatela. Sua estreia ocorreu no fim de 2018, justamente durante as últimas eleições presidenciais, fato que atravessa direta e indiretamente a criação.

A obra se passa em uma cidade imaginária, situada no “meio do continente”, que se tornou refúgio de cidadãos exilados de seus próprios países. Guerras, golpes de estado ou mesmo regimes autoritários eleitos democraticamente são algumas das razões que levam essas pessoas a expatriação. Na dramaturgia de Germano Melo, os exilados anseiam pelo “eclipse mais intenso e duradouro dos últimos 50 anos”, alegoria que suscita justamente essa dupla projeção acerca do polo utopia-distopia, ao remeter a certo encobrimento temporário do sol.

Um dos pontos fortes da criação é o modo como distintas referências estéticas e áreas artísticas se entrelaçam para construir essa situação. O que se vê em cena é um misto de teatro, de show e de cinema, ambientado em uma atmosfera ao mesmo tempo futurista e glamurosa (em alusão aos anos 1980), o que ajuda a produzir uma linguagem bastante singular à montagem, além de estabelecer identificações com o público.

Essa aproximação é favorecida pelo repertório e a estética da disco, do rock e do punk, ao valer-se de músicas que fazem parte de referências afetivas comuns a artistas e plateia. Canções como “I feel Love”, de Donna Summer, “I love to love”, de Tina Charles e “Total Eclipse of the Heart”, de Bonnie Tyler, cantadas ao vivo ou em playback pelo elenco, colaboram para construir uma atmosfera coletiva desejante que poderia ser pensada como emblema da própria ideia de guerrilha e resistência exploradas na peça.

Ao mesmo tempo, o caráter musical do espetáculo é parte da própria estrutura de sua dramaturgia e encenação. Na peça, cada um desses habitantes realiza monólogos acerca das (des)razões que os levaram ao exílio. Nessas passagens, são tecidos diálogos específicos com a música e com o vídeo, o que faz lembrar a estrutura de números musicais ou de faixas de um disco, por sua relativa autonomia quanto às demais cenas. Se inicialmente nos deparamos com questões mais existenciais e individuais, no decorrer da apresentação os depoimentos se aproximam de temas cada vez mais políticos, conectados à nossa realidade histórica e imediata.

Em diálogo com esse eixo mais existencial, testemunhamos angústias vinculadas ao medo do amor e de não ser amado, à falta de sentido como dado individual e coletivo, ao desespero

de sentir sua potência de vida minada, dentre muitas outras. Já na perspectiva mais abertamente política, acompanhamos relatos sobre a experiência de ver-se em um cenário devastado por torturas e corpos amontoados, a descrença quanto à efetividade da justiça, a denúncia do controle das grandes corporações sobre quem deve ter direito à vida ou o desvelamento de retóricas populistas que exploram fantasmagorias coletivas para alcançar o poder. Há, nesses monólogos, um complexo trabalho poético-filosófico com a palavra, seja do ponto de vista dramaturgico ou da atuação.

De modo semelhante ao dispositivo musical, a linguagem do vídeo também colabora para estabelecer relações de proximidade com a plateia, ao intensificar os efeitos de presença sobre aquilo que se vê. Uma grande tela disposta no fundo do palco reproduz fotografias e cenas, em imagens sempre produzidas ao vivo, diante do espectador. Nesse jogo de duplicação e ampliação do que acontece no palco, seria possível pensar tanto nessa condição contemporânea comum, na qual nossas vidas e modos de relacionar/comunicar são cada vez mais atravessados pela imagem, como também no desvelamento dos procedimentos e recortes que constroem essas imagens, muitas vezes confundidas com a realidade em si.

Em sobreposição a esses fragmentos individuais, são as cenas coletivas, especialmente as sequências finais de *Eclipse Solar*, as responsáveis por produzir imagens-síntese de maior impacto diante das questões tratadas. Ao aproximar a potência de corpos que dançam com a fortaleza de corpos que lutam, a montagem do grupo Quartatela propõe uma emblemática aproximação entre política e desejo, guerrilha e afeto, festa e resistência. Nessa ótica, as dimensões de prazer e de combate, longe de se autoanularem, surgem como uma espécie de estética do enfrentamento diante do que está por vir.